

O “ENCONTRO PARENTÉTICO” NA SOCIOLOGIA CLÍNICA DE GUERREIRO RAMOS

ARISTON AZEVEDO

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS)

RENATA OVENHAUSEN ALBERNAZ

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS)

FREDERICO LUSTOSA DA COSTA

(UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF)

“Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione!”

“O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do seu arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial”

(Frantz Fanon, Pele negra, máscaras brancas)

Introdução

O presente artigo se propõe a apresentar e discutir uma chave interpretativa para o conceito de “encontro parentético”, desenvolvido por Guerreiro Ramos em seu texto “Viagem Parentética II – o homem inventa a si próprio ou rumo a uma Teoria do Encontro Parentético”. Tendo-se em conta os textos do sociólogo a que o grande público tem tido acesso até o presente momento, esse conceito é inédito e, até onde se sabe, foi pouco explorado pelo próprio autor posteriormente à escrita de “Viagem Parentética II”. O fato pode deixar a impressão de que o conceito tenha sido resultado de uma exploração pontual. Mas acontece que Guerreiro

Ramos o apresenta em pé de igualdade com outros conceitos que mereceram maior e melhor detalhamento de sua parte, como nos casos de “redução sociológica” (Ramos, 1958, 1965), de “homem parentético” (Ramos, 1963, 1971a, 1971b, 1972) e de “abordagem parentética” (Ramos, 1971a).

Porém, quando se leva em consideração sua afirmação de que, no Brasil, ele conduziu “experiência de grupo” ou “seminários à maneira de encontros parentéticos” (Ramos, 2020, p. 34), ver-se-á que o conceito de encontro parentético não somente é parte lógica da concepção ontológica e epistemológica de ciência social desenvolvida por Guerreiro Ramos ao longo de toda sua trajetória intelectual, mas que está ancorado na prática profissional de uma sociologia engajada e que foi levada a efeito, principalmente, no contexto de sua atuação junto ao Teatro Experimental do Negro (TEN).

A chave interpretativa que aqui será apresentada parte desse achado valioso, para afirmar que, durante o período em que esteve em plena militância intelectual e política no TEN, Guerreiro Ramos, visando combater o racismo e suas danosas consequências psicológicas e sociais, procurou alinhar os históricos esforços de luta pela libertação e melhoria da condição de vida do negro brasileiro às ideias dos movimentos pan-africanista, de negritude, do personalismo e do existencialismo, e sob inspiração do psicodrama e do sociodrama desenvolveu um tipo de intervenção psicossociológica denominada de **sociologia clínica**.¹ É lá, no seio dessa prática sociológica singular esboçada no final da década de 1940, que se encontra a centelha que levou Guerreiro Ramos a elaborar o conceito de encontro parentético no final de 1969.

Da autoconsciência individual à realização da sociedade como personalidade histórica

A preocupação com a liberdade, a realização pessoal das potencialidades humanas e os entraves sociais ao processo de “personalização”

¹ Vale dizer que o próprio autor utilizou essa expressão quando de sua polêmica com Costa Pinto, no texto “Sociologia clínica de um baiano ‘claro’” (Ramos, 1953). Infelizmente, essa polêmica acabou por restringir a compreensão de seu projeto de sociologia clínica, que em nossos dias é totalmente desconhecido. Recuperar a força dessa ideia, ainda que de modo abreviado, é um dos objetivos deste texto. Em “Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais”, Marcos Chor Maio (1997) explora muito bem o contexto e o cerne da controvérsia entre esses dois intelectuais.

individual e coletiva foi uma constante na trajetória intelectual de Guerreiro Ramos. Essa preocupação com a personalização lhe era tão fundamental que, nos anos 1950, quando se lançou ao projeto de elaboração de uma *teoria da sociedade brasileira*,² ele não poupou esforços e engajamentos político-intelectuais para que o Brasil alcançasse a condição de personalidade histórica própria enquanto nação singular e livre da mentalidade colonial que sempre a constrangeu.³ E se olhada com a devida atenção, a proposição de *teoria da delimitação dos sistemas sociais*, exposta no livro *A nova ciência das organizações* (1981), é, em verdade, a resposta a uma indagação pessoal que, de certa maneira, o acompanhou desde que decidiu enveredar definitivamente nas ciências sociais: como articular liberdade, necessidade humana de personalização e estrutura social?

Os elementos para a formulação de uma resposta em termos de teoria sociológica a essa pergunta foram – ainda que de modo não tão retilíneo ao longo de sua trajetória – sistemática e paulatinamente coligidos e articulados desde o início dos anos 1940, sobretudo quando ele passou a atuar no Departamento Nacional da Criança (DNCr) e no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), no Rio de Janeiro.⁴ À época, o cerne desse esforço teórico girava em torno da ideia de planificação social democrática e vinha sendo orientado a partir de seus estudos sobre as obras de Karl Mannheim, Max Weber e Émile Durkheim, principalmente desses dois primeiros, que foram referência constante em seu trabalho desde então.⁵

2 Esse projeto restou incompleto, infelizmente. Uma tentativa de apresentação desse projeto está no texto “Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos”, de Christian Lynch (2015).

3 Se, enquanto um ente individual, o que define a pessoa humana é o fato de adquirir consciência autônoma, exercer o livre arbítrio, constituir-se como uma personalidade singular e, assim, determinar seu próprio destino, enquanto ente coletivo, o que define a pessoa coletiva (no caso, uma nação) é a aquisição, pelo povo, da consciência crítica e o exercício da capacidade de determinar-se como um ser histórico (Ramos, 1996 [1958], p. 45-52). Na linguagem da sociologia clínica contemporânea, trata-se de um indivíduo portador de história.

4 Ainda que suas atuações no DNCr e DASP tenham sido determinantes para seu projeto teórico, vale lembrar que em seus textos sobre literatura latino-americana, publicados na revista *Cultura Política*, em 1942, já são perceptíveis traços do que ele mais tarde viria designar de redução sociológica (Azevedo; Albernaz, 2010).

5 Recentemente, dois textos exploram a questão da *planificação social* em Guerreiro Ramos (Silva; Caldas, 2020; Caldas, 2021), cobrindo um aspecto de sua produção intelectual que vinha sendo, de certa maneira, pouco explorado por trabalhos anteriores. Para uma visão geral de seus textos publicados pela Revista do Serviço Público do DASP e seus impactos na construção de seu aparato teórico, consultar o excelente livro de Edison Bariani, *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica* (2011, p. 36-69).

Compreendida tanto como “etapa do desenvolvimento social” quanto “técnica” de intervenção no processo social, Guerreiro Ramos entendia que “a função” da planificação social seria “achar os quadros sociais [de determinada sociedade] adequados a uma época” (Ramos, 1944, p. 12). Ela teria o “intento de liberar” as forças sociais “genuínas” que, por estarem “reprimidas” pela estrutura social prevalecente de poder, permaneciam sufocadas em estado de latência (Ramos, 1946b, p. 165). Daí que, para ele, a principal tarefa do cientista social estaria em descobrir o “sistema de forças” ou “princípios que regem a sociedade”⁶ para, em seguida, “inventar as instituições novas capazes de pôr em funcionamento a estrutura social” correspondente aos valores, aos anseios e às necessidades de liberdade e de personalização humana de determinado momento histórico (Ramos, 1944, p. 12-13). Em verdade, sua obra parece nunca ter perdido esse propósito.

O texto “Aspectos sociológicos da puericultura” (1944), que foi escrito para a disciplina “Problemas Econômicos e Sociais do Brasil” do curso de Puericultura e Administração, e ofertado pelo DNCr a médicos e técnicos daquele órgão, expressa essa linha de pensamento, mesmo que de modo incipiente: de um lado, o problema da planificação social democrática emergia com grande força em seus horizontes de preocupação, a partir daqueles autores já mencionados; de outro, a formação da personalidade era abordada pela via psicossociológica, e não mais espiritualista, como em seus estudos de juventude (Ramos, 1944, p. 22).

O exercício da docência no DNCr exigiu de Guerreiro Ramos a necessidade de abordar problemas nacionais concretos e urgentes, como mortalidade infantil, medicina popular, delinquência juvenil, pobreza, orçamento familiar, fome etc., razão pela qual dedicou esforços sistemáticos em termos de estudos e aplicação de pesquisas sobre esses assuntos. Para

⁶ Esses “sistemas de forças” ou “princípios” guardam relação com o conceito de *principia media*, de Karl Mannheim. Analisá-los exigia a compreensão e crítica da “razão sociológica” atuante em determinada sociedade, em certo momento histórico. Nesse sentido, não devemos esquecer que o subtítulo de seu livro *A redução sociológica* (1958) era “Introdução ao estudo da razão sociológica”, que junto com *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo* (1954) e *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957) formam uma espécie de propedêutica metodológica e de esforços intelectivos voltados para a compreensão daqueles “princípios”, “sistemas de forças” ou *principia media* historicamente atuantes em determinada realidade histórica nacional, principalmente as periféricas.

tanto, recorreu à sociologia da Escola de Chicago,⁷ representada por autores como Robert Park, W. I. Thomas, Ernest Burgess, Everett Hughes e Donald Pierson.

Essa aproximação entre sociologia e saúde pública o levou a defender a ideia de uma “medicina sociológica”. Em *As classes sociais e a saúde das massas* (Ramos, 1949), ele atribui a René Sand o uso pioneiro do conceito, que o definia como “a arte da prevenção e da cura, considerada em sua base científica e em suas aplicações individuais e coletivas, do ponto de vista das relações recíprocas que ligam a saúde do homem às suas condições de vida” (Ramos, 1949, p. 40). De posse dessa definição e dos resultados de suas pesquisas sobre a condição de vida e de saúde dos brasileiros, ele não hesitou em afirmar que determinados problemas de saúde poderiam ser resolvidos com a transformação da “estrutura das classes sociais” pela planificação social, no caso com a “distribuição de riqueza” (Ramos, 1949, p. 40) exercida pela “democracia econômica” (Ramos, 1946, p. 166).

Além disso, não se pode deixar de mencionar que, nessa construção de seu “arsenal” sociológico (Bariani, 2011, p. 63), a sociologia do conhecimento teve papel importantíssimo, tendo sido considerada por Guerreiro Ramos o motor causador de uma verdadeira “revolução copernicana” na sociologia, permitindo o afastamento do psicologismo à época ainda reinante nessa disciplina (Ramos, 1946a). Assim, além dos já citados Karl Mannheim, Max Weber, Émile Durkheim e da Escola de Chicago, autores como Erich Fromm, Max Scheler, Robert Merton, Ortega y Gasset, José Medina Echaverría, Francisco Ayala e Georges Gurvitch também são chamados a contribuir nesse seu projeto de elaboração teórica sobre a realidade brasileira que, posteriormente, será posto em contato e convergência com os esforços sociológicos pragmáticos anteriores de intelectuais brasileiros, como Paulino José Soares de Souza (Visconde do Uruguai), Silvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana, principalmente.

É bem verdade que, ao longo do processo de elaboração dessa teoria social, Guerreiro Ramos não deixou de considerar alguns *insights*, ideias, preocupações e propósitos derivados e encontrados em obras de intelectuais católicos com as quais manteve profundo contato durante sua juven-

⁷ Sobre a atuação de Guerreiro Ramos no DNCr e a importância da sociologia de Chicago em seus primeiros trabalhos, consultar Maio e Lopes (2009, 2012, 2015), Lopes e Maio (2018), Lopes (2012), além do excelente livro de Lúcia Lippi Oliveira, *A sociologia do Guerreiro* (1995).

tude em Salvador, a exemplo dos estrangeiros Charles Péguy, Emmanuel Mounier, Jacques Maritain, Robert Aron, Arnaud Dandieu, Daniel Rops, Martin Buber, Denis de Rougemont e Nicolas Berdyaev (Berdiaeff) e dos brasileiros Alceu Amoroso Lima, Almir de Andrade, Affonso Arinos Mello Franco. Desse contato permaneceram alguns elementos do humanismo cristão centrado na noção de pessoa humana e articulados no personalismo, no existencialismo, ou numa mescla de ambos. Exemplos dessas permanências seriam as seguintes convicções pessoais: (1) a liberdade é o bem primal da pessoa;⁸ (2) toda pessoa está destinada a personalizar-se; (3) essa personalização implica um processo trágico⁹ e incessante de autoafirmação de si e de realização criativa do propósito existencial que a pessoa tem a cumprir, ou seja, é um exercício trágico da liberdade em direção ao alcance da libertação pessoal; e (4) que a civilização moderna havia sido articulada em torno do capitalismo, acolhendo como padrão um modo de vida que não apenas criava obstáculo ao processo de personalização como também atentava contra suas conquistas nesse sentido, afastando a pessoa humana de seus propósitos e vocação pessoais.

Mas as análises de Mannheim, Weber, Durkheim e Fromm, por exemplo, abordavam aquelas temáticas de um ponto de vista bastante distinto, a seu juízo, do modo como os intelectuais cristãos fizeram ou vinham fazendo. Eles tratavam a liberdade e outras questões humanas sob um enfoque sociológico ao qual Guerreiro Ramos procurava alinhamento e, por conseguinte, identidade intelectual. Daí sua crítica ao que chamou de “atitude apostólica” (Ramos, 1947a, p. 3) dos intelectuais católicos de sua juventude, que ao assumirem um “conceito ético-metafísico do homem”, passavam a abordar a “crise social contemporânea” da liberdade “de ma-

8 O dilema humano estaria em reconhecer em si a *pessoa* que é, ou seja, reconhecer e viver aquela dimensão da razão que a coloca em ligação com o transcendente (divino), ou contentar-se com sua condição mundana de *indivíduo*, imanente criatura que existe e opera por meio exclusivo da razão instrumental, conferindo a si as feições de um autômato. Uma descrição mais detalhada dessa distinção entre indivíduo e pessoa humana pode ser encontrada em seu livro de juventude *Introdução à cultura* (1939). Já *A nova ciência das organizações* (1981) traz uma concepção de pessoa distanciada do viés católico de juventude. A explanação do percurso dessa e de outras categorias em sua trajetória intelectual pode ser encontrada em Azevedo (2006).

9 A ideia de que o homem é uma criatura trágica e que seu processo de personalização se desenvolve de modo dramático como experiência interna (*ego* ou *self*) e vivência externa (relacional ou social) foi elaborada principalmente pelo filósofo russo Nicolas Berdyaev, que foi, como o próprio Guerreiro Ramos admitiu em entrevista concedida, em 1982, a Lúcia Lippi Oliveira e Alzira Alves de Abreu, “uma grande influência em minha vida, uma influência irrestrita. Não há realmente nenhuma influência mais poderosa na minha vida do que a do Berdyaev” (Oliveira, 1995, p. 135-136).

neira não sociológica”, restando “incapazes de fornecer um princípio efetivo de organização social” (Ramos, 1947b, p. 3). A sociologia pragmática, pelo contrário, distando de qualquer essencialismo metafísico sobre a liberdade e a personalidade, estava empenhada em tratar a questão à luz de um quadro situacional (estrutura, contexto ou etapa social) específico e, ainda, dinâmico e complexo.

De todo modo, o fato que merece destaque é o movimento de trânsito entre os diferentes níveis de abstração do pensamento (macrossociológico, microsociológico e individual) e a realidade empírica feito por Guerreiro Ramos. Foram os problemas concretos com os quais ele se deparou no DNCr que o fizeram lançar-se à busca de um aparato teórico capaz de, minimamente, auxiliá-lo a encontrar soluções que a realidade nacional exigia com urgência. Ele próprio chegou a expor a questão: “Na minha vida profissional, aliás, em certo sentido, a prática precedeu a teoria. [...] Quem não age, quem não participa do processo societário não compreende a sociedade” (Ramos, 1957, p. 210). No final dos anos 1940, a planificação social da sociedade brasileira apresentava-se como uma possibilidade objetiva capaz de oferecer respostas aos nossos problemas sociais mais crônicos. Seu envolvimento com Teatro Experimental do Negro (TEN) o lançou a outros desafios, causando-lhe, inclusive, “uma inflexão” em seu pensamento e atuação quanto à condição do negro no Brasil (MAIO, 2015, p. 81). Eis que emerge sua proposta de sociologia clínica.

Sociologia clínica no Teatro Experimental do Negro

Em 1948, quando Guerreiro Ramos decide ingressar no TEN para assumir o Instituto Nacional do Negro (INN), que funcionava como uma espécie de departamento de pesquisas e estudos dentro daquela organização, ele já trazia consigo o delineamento claro do complexo problema que envolve a articulação entre estrutura social, anseio de liberdade e necessidade de personalização. Essa perspectiva certamente o orientará na discussão posterior do “problema” do negro brasileiro (Ramos, 1954), que, embora juridicamente livre a partir da abolição da escravatura no Brasil, como ele fez questão de ressaltar em seu discurso de posse no INN, ainda sofria fortemente os efeitos de séculos de escravidão:

A condição jurídica de cidadão livre dada ao negro foi um avanço, sem dúvida. Mas um avanço puramente simbólico, abstrato. Socio-culturalmente, aquela condição não se configurou; de um lado porque a estrutura de dominação da sociedade brasileira não se alterou; de outro lado, porque a massa juridicamente liberta estava *psicologicamente despreparada* para assumir *as funções de cidadania*.

Assim para que o processo de libertação desta massa [de negros] se positive é necessário reeducá-la e criar as condições sociais e econômicas para que esta reeducação se efetive. A simples reeducação desta massa desacompanhada de correlata *transformação da realidade sociocultural* representa a criação de situações marginais dentro da sociedade (Ramos, 1950a, p. 37) (grifos nossos).¹⁰

Guerreiro Ramos acreditava que sanear essa situação era primordial, a fim de que a própria estrutura social brasileira se modificasse e, com isso, a condição social do negro melhorasse. Saíamos de uma sociedade patrimonialista, onde uma classe (branca) privilegiada assumira para si o monopólio do poder e comandava, de acordo com seus próprios interesses e modos, o destino do país, para uma sociedade de capitalismo industrial, de caráter democrático e capilarizada, onde a *intelligentsia* (negra), pouco a pouco (muito lentamente, é verdade) emergia e o povo começava a ganhar feição e a exercer o papel de principal protagonista político do processo de mudança social (RAMOS, 1946c, 1950c). O momento era, portanto, a seu olhar e querer, propício para alavancar o protagonismo negro, pois, como ressaltou,

as forças da alma negra longamente represadas constituem atualmente a maior reserva de vitalidade de nossa civilização. Quando tudo nesta civilização, quase inteiramente construída pelo esforço do branco, parece gasto, quando o impulso anímico desta civilização parece totalmente objetivado, quando toda a cultura já se transformou em civilização ou em burocracia, reponta uma esperança de salvação, descobre-se neste mundo uma mina inusitada, a alma negra, a

¹⁰ Nesta e noutras passagens optamos por fazer a atualização ortográfica das passagens aqui utilizadas, já que julgamos que tal atualização não chega a comprometer o estilo e a força das palavras utilizadas pelo autor.

subjetividade negra. Esta é a hora do homem de cor” (Ramos, 1950a, p. 41).

O homem de cor, porém, mal egresso de seu primitivismo, é portador de extraordinária disponibilidade espiritual. Ele tem a capacidade de ver tudo como se fosse pela primeira vez, de ver todas as formas em seu estado incoativo e quando terça os refinados estilos do branco emprestam-lhes uma autenticidade que eles pareciam ter perdido (Ramos, 1950a, p. 42).

O exercício desse protagonismo requeria que a *intelligentsia negra*, articulada pelo TEN, dedicasse esforço em um projeto de reformulação da teoria social e, por conseguinte, da concepção de democracia racial, tendo por base a assunção da negritude – *niger sum* –, capaz de compreender os reais problemas do negro na sociedade brasileira e de lhes direcionar soluções. Eis a síntese dessa assunção:

Sou negro, identifico como *meu* o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal – eis aí toda propedêutica sociológica, todo um ponto de partida para a elaboração de uma hermenêutica da situação do negro no Brasil (Ramos, 1995 [1957], p. 199) (grifos no original).

Também seria necessário atuar de modo direto sobre a população negra, para superar “ressentimentos”, “ambivalências”, “animosidades” e obstáculos sociais que restavam da libertação meramente formal (Ramos, 1950a). Mas não apenas sobre os negros, pois, em sua opinião, brancos e “brancoides” também precisavam ser “reeducados” para superar o vício de seu hábito histórico de servir-se de outros como instrumentos para seus propósitos e, assim, admitir os negros como iguais, jurídica, sócio e culturalmente.

Entre os diversos instrumentos do qual o INN se valerá nesse processo de “reeducação” de negros, brancos e “brancos”, Guerreiro Ramos elabora uma “técnica social” inspirada no psicodrama e sociodrama de-

envolvidos por Jacob Levy Moreno, que denomina de **grupoterapia**.¹¹ Com essa técnica, ele visava, pela superação dos traumas e vícios deixados pela escravidão ou eliminação das sequelas psicológicas derivadas da forte tensão racial ainda existente na sociedade brasileira, banir as “dificuldades emocionais” impeditivas da “plena realização da personalidade” dos participantes (Ramos, 1950e, p. 11), em pequena e larga escala. Nesse sentido, o sociólogo elaborou um grande seminário com o intuito de preparar “técnicos hábeis” para atuarem em “morros, terreiros e nas associações de gente de cor”, expandindo o que seria feito nas instalações do TEN.¹² O programa do **Seminário de Grupoterapia** consistia em cinco tópicos e uma variedade de estudiosos em que fundamentava sua sociologia clínica:

1) *O indivíduo e os mecanismos da socialização* (os trabalhos de Arnold Gesell). *A imitação, a sugestão e aprendizagem* (os trabalhos de J. Dollard, Miller Read Bain, Mead e Erich Fromm).

2) *A noção de papel social* (Florian Znaniecki, Ralph Linton). *A importância da posição e da função na sociedade como fatores de ajustamento social* (Erich Fromm, Franz Alexander, Peter F. Drucker, Gerard De Gre e Harold Lasswell).

3) *A realidade do grupo* (Linton, Znaniecki). *Sociogênese dos grupos* (Moreno, Griswell). *A microssociologia* (Gurvitch). *O teste sociométrico da espontaneidade* (Moreno, Helen Jennings, B. Florence e U. Benfenbrouner).

4) *A grupoterapia* (Freud, J. Bierer, D. Blair, Moreno, Klapman). *Resumo histórico. O “psicodrama” e o “sociodrama”* (Moreno e sua escola).

11 A grupoterapia, embora se valha do psicodrama e do sociodrama em seu plano geral, não se confunde com ambas. Para Guerreiro Ramos, quando vistas exclusivamente sob o ângulo das relações raciais brasileiras, as técnicas de J. L. Moreno necessitavam sofrer adaptações, nos termos do que mais tarde viria a exigir a redução sociológica.

12 Durante a realização do 1º Congresso do Negro Brasileiro (26/08 a 4/09 de 1950), ele sugere que o governo brasileiro solicite à Unesco que adote em suas políticas aplicação em massa da “sociatria e da grupoterapia” (Ramos, 1968, p. 155-156).

5) *A grupoterapia para homens de cor. Princípios básicos. Mecanismos principais da grupoterapia para homem de cor. O Teatro Experimental do Negro e a grupoterapia* (Ramos, 1950e, p. 11) (grifos nossos).

Muitos desses estudiosos de que se valeu Guerreiro Ramos em 1950 são hoje considerados autores clássicos do campo da sociologia clínica, embora ele próprio não chegue a ser mencionado como um dos primeiros, no Brasil, a explorar a questão. A ausência desse seu pioneirismo pode ser constatada, por exemplo, no texto em que Nunes e Silva (2018) fazem um balanço da sociologia clínica no Brasil. Dizem os autores que “no Brasil, a sociologia clínica se desenvolveu a partir dos laços construídos entre pesquisadores brasileiros e franceses, que se deveram aos intercâmbios doutorais e pós-doutorais iniciados nos anos 1980 e fortalecidos ao longo das últimas duas décadas” (Nunes e Silva, 2018, p. 193), ignorando esforços importantes de uma prática sociológica orientada para a intervenção psicossociológica. De fato, de forma sistemática, reivindicando essa qualificação, ela se desenvolveu a partir da década de 1980, mas Guerreiro Ramos, desde o fim dos anos 1940, antecipava a adoção de uma prática emancipadora. De qualquer maneira, em termos da aplicação das técnicas psicodramáticas, seu pioneirismo não é desconhecido, como bem fazem questão de destacar Elisa Larkin Nascimento (2020) e Maria Célia Malaquias (2007, 2020).

Em 1950, Guerreiro Ramos apresenta o psicodrama afirmando se tratar, a um só tempo, de “um método de análise das relações humanas e um processo de terapêutica psicológica”, que tem na catarse um “mecanismo fundamental” de libertação dos traumas e conflitos interiores, via a representação dramática teatral (Ramos, 1950c, p. 6). Quando apresenta o sociodrama, ele recupera aquela concepção trágica berdyaeviaiana do processo de personalização humana – “o drama da personalidade consiste em que, de um lado ela quer realizar uma missão, uma vocação, um destino único e, de outro, encontra estilos sociais organizados na suposição da identidade fundamental de todos os homens” – e afirma que o sociodrama visa “libertar a consciência do indivíduo da pressão social” para que ele assuma papéis predefinidos e, desse modo, acomode-se à estrutura social em vigor (Ramos, 1950d, p. 9).

Assim, essas técnicas trariam como efeito catártico um intenso movimento de espontaneidade, libertação, criatividade, humanização, ampliação dos vínculos sociais etc. capaz de transformar as individualidades e de proporcionar a integração coletiva pela compreensão do outro enquanto um *self* único desejoso de personalização. Elas possibilitariam que os partícipes, uma vez cientes daquelas amarras preconceituosas que carregavam em si, pudessem centrar esforços de realizarem-se enquanto pessoas humanas que são. Assim, ele sintetiza com um exemplo: a técnica sociodramática “adestra uma pessoa para ver um funcionário, um negro ou um judeu, não à luz dos estereótipos, o *funcionário*, o *negro*, o *judeu*, mas como personalidades singulares, únicas, inconfundíveis” (Ramos, 1950d, p. 9) (grifos no original).

Ora, não estaria aqui posta a noção de encontro parentético, conforme ele a definiu em 1969?

Um encontro parentético é aquele em que os seus participantes tentam se relacionar um com o outro, levando em conta seus pontos de vista explícitos ou encobertos e pondo em suspensão todo e qualquer julgamento normativo sobre esses pontos de vista (Ramos, 2020, p. 34).

Sim, claro que sim. Foi a partir do projeto e da execução da técnica social de grupoterapia no TEN, aquele “campo de polarização psicológica, onde o homem encontra oportunidade de eliminar as suas tensões e os seus recalques” (Ramos, 1950b, p. 24), que nosso sociólogo pôde induzir uma espécie de “*paideia* da sociedade brasileira” para solucionar o problema das relações raciais entre nós e, portanto, viabilizar a democracia racial no Brasil (Ramos, 1995 [1957], p. 201). Isso seria possível porque, como bem interpretou Joel Rufino,

para Guerreiro Ramos, pois, negro não é uma raça, nem exatamente uma condição fenotípica, mas um topo lógico, instituído simultaneamente pela cor, pela cultura popular nacional, pela consciência da negritude como valor e pela estética social negra. Um indivíduo preto de qualquer classe, como também um mulato intelectual ou um branco nacionalista (por exemplo) podem ocupar esse lugar e dele, finalmente, visualizar o verdadeiro Brasil (Rufino, 1995, p. 28).

A partir de sua proposta de assunção da negritude, ver-se-ia que o negro é “um ingrediente normal da população do país, [...] é a sua mais importante matriz demográfica”, logo, “o negro é povo, no Brasil” (Ramos, 1957, p. 200).

Foi nesse contexto que Guerreiro Ramos intuiu e esboçou sua sociologia clínica. Sob a perspectiva da redução sociológica, essa proposta de sociologia particular recorre à noção de “encontro parentético” para viabilizar seu terceiro sentido, ou seja, o de redução sociológica como “atitude parentética” (Ramos, 1996 [1965], p. 11; 1981, p. XVI). Isso quer dizer que o exercício dessa sociologia clínica no TEN visava a “assunção” do brasileiro e, por conseguinte, do Brasil, por um lado, viabilizando e estimulando os brasileiros a desenvolverem a capacidade de resistir à força de coerção dos quadros sociais que tentavam conformá-los a um estado permanente de alienação e de colonialismo, e, por outro, estimulá-los a reconstruir a estrutura social da sociedade brasileira em consonância com as exigências de suas potencialidades de personalidade, no caso dos indivíduos, e de ser nacional, no caso da nação. Por isso sua afirmação de que tal encontro “tem por objetivo estimular o crescimento psicológico e intelectual, na medida em que torna as pessoas capazes de desvendarem e encontrarem o sentido que elas estão dispostas a dar a suas vidas” (Ramos, 2020, p. 34), sentido esse que pode ser individual e coletivamente revolucionário, em especial quando disso resulta a descoberta de uma até então permanente situação de opressão. Por isso ele disse que “a vocação da sociologia é resgatar o homem ao homem [...] tornar-se um saber de salvação” (Ramos, 1996 [1965], p. 10-11), pois ela está comprometida, acima de tudo, com o processo de libertação humana, processo sempre revolucionário.

Considerações finais

Essa forma de intervenção psicossocial vislumbrada por Guerreiro Ramos antecipa em alguns anos a agenda da sociologia clínica contemporânea,¹³ na medida em que busca explorar, trazer à consciência e com-

13 A sociologia clínica surge nos Estados Unidos, no seio da Escola de Chicago, no início dos anos 1930, e é referida, pela primeira vez, como “especialidade” sociológica por Louis Wirth em seu texto “*Urbanism as a way of life*”, que a apresenta como perspectiva de análise e de intervenção. Ela não tem um objeto próprio, como as sociologias econômica, do direito ou das

preender os determinantes sociais das neuroses individuais. Hoje em dia, há uma definição mais clara de seus propósitos, conforme coloca Eugène Enriquez:

A sociologia clínica tem por objeto desvendar os complexos laços entre os determinantes sociais e os determinantes psíquicos nas condutas dos indivíduos e dos grupos assim como nas representações que eles fazem dessas condutas. Ela se inscreve no centro das tensões entre objetividade e subjetividade, entre estrutura e ação, entre o indivíduo produto sócio-histórico e o indivíduo criador de história, entre a reprodução e a mudança, entre as dinâmicas inconscientes e as dinâmicas sociais... (Enriquez, 1993, p. 14).

A orientação teórica do Instituto Nacional do Negro no Teatro Experimental do Negro tomava como princípio que a dramatização espontânea de relações que oprimem ou libertam, com a assunção dos vários papéis a elas relacionadas, poderia possibilitar não só uma consciência crítica da estrutura social que as sustentava, mas também provocar uma posição pessoal autônoma do negro (e do branco) diante dela. Isso porque a grupoterapia, assim como o psicodrama e o sociodrama ao se valerem do “encontro parentético”, proporcionava a real análise das relações raciais no Brasil e oferecia uma possibilidade terapêutica a negros e brancos.

Tanto nas intervenções de grupoterapia conduzidas por Guerreiro Ramos quanto na sociologia clínica contemporânea, trata-se de acolher, escutar e compreender um sujeito que sofre e com ele desvendar os determinantes sociais desse sofrimento. Como indica a própria etimologia da palavra clínica, sua abordagem consiste em “observar diretamente ao pé do leito do paciente”. Ontem e hoje, a noção de encontro parentético parece ter importância fundamental nesse processo.

religiões. É antes um método, uma maneira de abordar os problemas. Nesse sentido, ela ganhou cada vez mais espaço no âmbito da *Sociological Practice Association*, que, a partir de 1978, passa a ser reconhecida como Associação de Sociologia Clínica e a publicar o periódico *Clinical Sociology Review* (Fritz, 1993). Na França, a sociologia clínica ganhou grande desenvolvimento e visibilidade a partir do trabalho do *Laboratoire du Changement Social et Politique*, da *Université Paris VII*, liderado primeiramente por Eugène Enriquez e, mais tarde, por Vicent de Gaulejac. Por coincidência, Enriquez também começou seu trabalho de análise e intervenção organizacional a partir da sociometria e da grupoterapia de Jacob Moreno. Entretanto, atualmente, suas bases teóricas se nutrem fortemente da psicanálise de Freud.

Referências

- AZEVEDO, Ariston. *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- AZEVEDO, Ariston; ALBERNAZ, Renata. O. A redução sociológica em *status nascendi*: os estudos literários de Guerreiro Ramos publicados na revista *Cultura Política*. *Revista Organizações & Sociedade*, 17 (52), 47-68, 2010.
- BARIANI, Edison. *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.
- CALDAS, Alan. A recepção e a reelaboração do conceito de planificação por Guerreiro Ramos (1945-1953). In: PEREIRA, D.; CARNEIRO, M. (orgs.). *Da teoria à prática em pesquisa nas ciências sociais aplicadas*, p. 68-82. Ponta Grossa: Atena, 2021.
- ENRIQUEZ, Eugène. L’approche clinique: genèse et développement em France et em Europe de l’Ouest. In: GAULEJAC, Vincent de; ROY, Shirley (orgs.). *Sociologies cliniques*. Marseille: Hommes et perspectives, 1993.
- FRITZ, Jane M. La sociologie clinique aux États-Unis. In: GAULEJAC, Vincent de; ROY, Shirley (orgs.). *Sociologies cliniques*. Marseille: Hommes et perspectives, 1993.
- LOPES, Thiago da C. *Sociologia e puericultura no pensamento de Guerreiro Ramos: diálogos com a Escola de Chicago (1943 – 1948)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História da Ciência e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2012.
- LOPES, Thiago da C.; MAIO, Marcos C. Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940). *Tempo*, Rio de Janeiro, 24 (2), 349-368, 2018.
- LYNCH, Christian. Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953-1955). *Caderno CRH, Salvador*, v. 28, n. 73, p. 27-45, Jan./Abr. 2015.
- MAIO, Marcos C. Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 127-162, 1997.

- MAIO, Marcos C. Guerreiro Ramos interpela a UNESCO: ciências sociais, militância e antirracismo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 28, n. 73, p. 77-89, 2015.
- MAIO, Marcos C.; LOPES, Thiago da C. Saúde e Infância na Sociologia de Guerreiro Ramos (1943-1952). *Anais do Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, CE, Brasil, 25, 2009.
- MAIO, Marcos C.; LOPES, Thiago da C. Da Escola de Chicago ao Nacional-desenvolvimentismo: Saúde e Nação no pensamento de Alberto Guerreiro Ramos (1940-1950). *Sociologias*, v. 14, n. 30, p. 290-329, 2012.
- MAIO, Marcos C.; LOPES, Thiago da C. “For the establishment of the social disciplines as sciences”: Donald Pierson e as Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1942-1949). *Sociologia & Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 343-380, 2015.
- MALAQUIAS, Maria .C. Psicodrama e negritude no Brasil. In: MALAQUIAS, Maria C. (org.). *Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões*. São Paulo: Ágora, 2020. p. 1-19.
- MALAQUIAS, Maria C. Percurso do psicodrama no Brasil: Década de 40 - o pioneirismo de Guerreiro Ramos. *Revista Brasileira De Psicodrama*, v. 15, n. 1, p.33-39, 2007.
- NASCIMENTO, Elisa L. O Teatro Experimental do Negro: berço do psicodrama no Brasil. In: MALAQUIAS, Maria C. (org.). *Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões*. São Paulo: Ágora, 2020. p. 1-8.
- OLIVEIRA, Lucia.L. *A sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995.
- RAMOS, Alberto G. *Introdução à cultura (ensaios)*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- RAMOS, Alberto G. *Aspectos sociológicos da puericultura*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- RAMOS, Alberto G. A revolução copernicana na sociologia. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 14 abril 1946a.
- RAMOS, Alberto G. Notas sobre planificação social. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 163-166, 1946b.
- RAMOS, Alberto G. A “intelligentsia” e a ameaça da cultura dirigida. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 maio 1946c.
- RAMOS, Alberto G. Sociologia da Liberdade. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26

- janeiro 1947a.
- RAMOS, Alberto G. O caminho da segurança. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 2 março 1947b.
- RAMOS, Alberto G. As classes sociais e a saúde das massas (Ensaio de sociologia e biometria diferencial). *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 36-40, 1949.
- RAMOS, Alberto G. O negro no Brasil e um exame de consciência. In: NASCIMENTO, Abdias; RAMOS, Alberto; RIBEIRO, Joaquim; FISCHLOWITZ, Estanislaw (orgs.). *Relações de raça no Brasil*, p. 34-46. Rio de Janeiro: Edições Quilombo, 1950a.
- RAMOS, Alberto G. Uma experiência de grupoterapia. In: NASCIMENTO, Abdias; RAMOS, Alberto G.; RIBEIRO, Joaquim; FISCHLOWITZ, Estanislaw (orgs.). *Relações de raça no Brasil*, p. 34-46. Rio de Janeiro: Edições Quilombo, 1950b.
- RAMOS, Alberto G. Teoria e prática do psicodrama. *Quilombo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 6-7, 1950c.
- RAMOS, Alberto G. Teoria e prática do sociodrama. *Quilombo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7/8, p. 9, 1950d.
- RAMOS, Alberto G. Instituto Nacional do Negro. *Quilombo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 11, 1950e.
- RAMOS, Alberto G. Sociologia clínica de um baiano ‘claro’. *O Jornal*, Rio de Janeiro, Caderno Revista, 27 dezembro 1953.
- RAMOS, Alberto G. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo: prefácio a uma sociologia nacional*. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1954.
- RAMOS, Alberto G. *Introdução crítica à sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial ANDES Limitada, 1957.
- RAMOS, Alberto G. *A redução sociológica (introdução ao estudo da razão sociológica)*. Rio de Janeiro: Iseb, 1958.
- RAMOS, Alberto G. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- RAMOS, Alberto G. *A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. 2.^a ed. Corrigida e aumentada, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- RAMOS, Alberto G. A Unesco e as relações de raça. In: NASCIMENTO, Abdias (org.). *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1968. p. 153-159.

- RAMOS, Alberto G. The parenthetical man (an anthropological approach to organization design). *Anais da Annual meeting of the American Association for Public Administration (ASPA)*, Los Angeles, CA, USA, 1971a.
- RAMOS, Alberto G. The parenthetical man. *Journal of Human Relations*. Wilberforce, v. 19, n. 4, p. 463-487, 1971b.
- RAMOS, Alberto G. Models of man and administrative theory. *Public Administration Review*, v. 32, n. 3, p. 241-246, 1972.
- RAMOS, Alberto G. *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- RAMOS, Alberto G. *Introdução crítica à sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editoria da UFRJ, 1995.
- RAMOS, Alberto G. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Editoria da UFRJ, 1996.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética II – o homem inventa a si próprio ou rumo a uma Teoria do Encontro Parentético. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 25-39, 2020.
- RUFINO, Joel. O negro como lugar. In: RAMOS, Alberto G. *Introdução crítica à sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editoria da FGV, 1995. p. 19-29.
- SILVA, Nikolas P; CALDAS, Alan. A democracia racial como um projeto de planificação social no pensamento de Guerreiro Ramos. *Revista Mosaico*, v. 12, n. 19, p. 57, 2020.

ALBERTO GUERREIRO RAMOS

13 de setembro de 1915 (Santo Amaro, Bahia, BRASIL)

6 de abril de 1982 (Los Angeles, Califórnia, EUA)

